

**VISÕES DA IGUALDADE EM UMA
UTOPIA OITOCENTISTA:
A ICÁRIA DE ÉTIENNE CABET (1842)**

**VIEWS OF EQUALITY IN A
NINETEENTH-CENTURY UTOPIA:
THE ICARIA OF CABET ÉTIENNE (1842)**

José Costa D'Assunção Barros¹

Resumo: Este artigo examina a literatura utópica do século XIX, abordando mais diretamente a sociedade imaginária idealizada por Étienne Cabet, no romance intitulado *Viagem a Icária* (1842). Atenta-se para a questão mais específica das visões de Igualdade, no mundo social e na concepção espacial, proporcionada por essa cidade imaginária. Esta análise mais específica é precedida por uma breve introdução à noção de gênero utópico. A obra de Cabet é abordada em seu contexto e justifica-se por envolver uma ponte entre literatura e sociedade, uma vez que essa criação literária despertou grande interesse de leitores da época e mesmo a motivação para a realização de experiências utópicas específicas.

Palavras-chave: literatura utópica; igualdade; Cabet.

Abstract: This article attempts to examine the utopian literature of the nineteenth century, approaching more directly the imaginary society devised by Étienne Cabet, in the novel titled *Travel to Icaria* (1842). More directly, it is examined the question of the conceptions of equality, in the social world and in the spatial planning, offered by this imaginary city. This more specific analysis is preceded by a brief introduction to the notion of utopic gender. The work of Cabet is addressed in their contexts, and its analysis is justified because it concerns a bridge between literature and society, since this work has aroused

¹ Professor associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Departamento de História; professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ; e professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ: <jose.d.assun@globomail.com>.

great interest of readers of the time and even has inspired a motivation for carrying out specific utopian experiments.

Keywords: Utopist Literature; Equality; Cabet.

1. INTRODUÇÃO

A Igualdade tem constituído um sonho antigo, tão antigo como a civilização. O desafio de pensar sistemas nos quais seja possível realizar a igualdade, em algum nível ou mesmo em todos os âmbitos possíveis, surgiu tanto entre os revolucionários e reformadores que se empenharam na construção e reconstrução de sociedades reais, como entre os artistas e literatos que idealizaram sociedades imaginárias. Não raro, aliás, a literatura e a arte influenciaram a realidade, e ressonâncias de uma imaginação utópica antes expressas na forma de romances e obras de arte passaram das páginas de um livro à realidade. Neste artigo, um de nossos objetivos será o de refletir sobre um autor oitocentista que idealizou, em um romance específico, uma sociedade utópica que traz à cena principal modelos para a realização efetiva de uma vida humana igualitária. Em um século no qual não foram raras as elaborações associadas à imaginação utópica, o político socialista Etienne Cabet (1788-1856), em um romance intitulado *Viagem a Icária* (1840), construiu sua própria idealização do que seria uma sociedade perfeita em termos de uma sistematização da igualdade possível. Político e militante socialista, preocupado com os movimentos sociais de seu tempo e interessado em transformar a realidade concreta à sua volta, Cabet também se interessou em passar da imaginação utópica à prática utopista, vindo engrossar o grupo daqueles que tentaram efetivamente construir comunidades socialistas.

Almejamos verificar mais especificamente como o autor lidou com as ideias de igualdade, desigualdade, diferença em seu romance utópico, como pensou um sistema social e um espaço de convivência para a sociedade por ele idealizada, como equacionou a relação entre produção e trabalho, e entre estas duas e o ócio, e, ainda, como conciliou na obra a necessidade de governo com a categoria da liberdade. Questões como essas – as quais sempre têm aparecido em todas as utopias imaginadas até hoje e que adquirem suas especificidades no romance utópico de Cabet – tornam-se importantes para essa produção literária porque são questões reais, concretas, presentes nas próprias sociedades em que seus autores viviam e também nas sociedades em que hoje vivemos. Uma sessão final evocará também as tentativas de uma organização comunitária

realizada pelo próprio autor, a partir do interesse público que seu romance despertou.

2. O CONCEITO DE UTOPIA E O GÊNERO UTÓPICO

A designação “utopia” traz consigo uma história extensa e complexa, a qual remonta à primeira utilização do termo por Thomas Morus (1516) e se beneficia de múltiplas ressignificações posteriores, sejam estas valorativas ou pejorativas.² Para Morus, escritor renascentista inglês que teve o mérito de ser o introdutor da palavra no cenário literário e político, a expressão remetia simultaneamente, por homofonia, ao “não-lugar” de uma sociedade situada fora do nosso espaço e da nossa linha de tempo (ou-topia) e ao “lugar da felicidade” consolidado por uma sociedade perfeita (eu-topia).³ Essa dupla superposição de sentidos – o “não-lugar geográfico” sobre o qual se estabelece um “país imaginário” e o “lugar da felicidade” no qual se redesenha uma sociedade perfeita – estará presente em diversas das realizações literárias da imaginação utópica. Empregaremos a palavra com essa dupla potencialidade, particularmente porque os dois sentidos podem ser sintonizados com relação à obra *Icária*, de Cabet, em cuja análise nos deteremos mais adiante.⁴

A *Icária* de Cabet, aliás, também remete a uma “viagem imaginária”, sentido central que a palavra utopia teve na língua francesa no século XVII (TROUSSON, 2005, p. 126). De igual maneira, também empregaremos a palavra cientes de outro sentido possível, para além da depreciação que a palavra recebeu no século XIX, seja com a crítica burguesa, seja com a crítica marxista. Trata-se da ideia, proposta por Karl Mannheim (1929), de que a utopia representa um pensamento que contesta radicalmente o sistema em vigor, o que faz dela uma esperança (BLOCH, 2005). Com relação a este sentido, também poderemos sintonizá-lo com a invenção literária elaborada pelo nosso principal autor analisado (Cabet). Ao produzir uma visão intensamente oposta à realidade existente, as utopias mostram-se “radicalmente críticas”, para considerarmos a perspectiva

2 Um estudo desta história, para a língua francesa, foi realizado por H. G. Funke (1988, pp. 19-37). Uma coletânea com artigos diversos sobre a definição de utopia foi organizada por Neusüss (1971). Ver ainda Suvin (1977, pp. 47-69).

3 Ver, sobre isso, Trousson (2005, p. 125).

4 Se é impossível chegar a uma definição consensual de utopia, ou mesmo para a categoria literária do “gênero utópico”, que já discutiremos, podemos reconhecer que existe uma série de definições no tempo, as quais respondem às especificidades dos vários autores e às demandas de sua época. Para um panorama de definições de utopia, ver Levitas (1990) e Quarta (2006).

proposta por Bronislaw Baczko (1992, p. 173). As utopias abrigam, de uma maneira ou de outra, a vontade de modificar o curso da história. São carregadas de uma intencionalidade de transformar o mundo e, por isso, trabalham no plano da veridicidade: da proposta de um modelo exequível, mesmo que não se mostre como a ele seria possível chegar.

Retornando ao universo das criações literárias que encaminham visões radicalmente opostas aos sistemas vigentes com vistas à sua crítica radical, é possível falar agora em uma imaginação utópica, ou em um “gênero utópico” que já apresenta uma longa tradição histórica. Além disso, em momentos diversos também foram designados como utopias os projetos de autores que pretendiam implantar efetivamente uma nova sociedade, como Charles Fourier ou Saint-Simon, ou que até mesmo iniciaram experiências concretas no sentido de estabelecerem comunidades ideais ou colônias socialistas, como Robert Owen.⁵ Esses três troncos de possibilidades correspondem à “gama completa de estudos utópicos: ficções, objetos e colônias” (SUVIN, 2015, p. 472). Com a passagem das ficções utópicas aos projetos e colônias que um dia visaram à criação efetiva de uma sociedade nova, passamos do gênero utópico propriamente dito aos projetos e realizações utopistas, dois campos que logo definiremos melhor. Entre esses dois polos – o da imaginação utópica e o dos projetos e realizações utopistas –, há ainda autores singulares que circularam ou se deslocaram entre a imaginação utópica expressa em uma obra literária e a realização utopista proposta pela instalação concreta de uma comunidade ideal, a exemplo do próprio Cabet, cuja imaginação utópica será examinada neste artigo, como já anunciamos, a partir de sua obra literária *Viagem a Icária* (1840).

Deve-se ainda ressaltar que as tentativas de agrupamento de autores e projetos muito diversificados, em um único campo que poderia ser considerado utopista, foi também objeto de uma grande construção intelectual, para a qual contribuíram linhas de análise diversas. Uma leitura de conjunto de autores hoje abordados como utópicos produziu-se, por

5 Os projetos utopistas como o de Fourier e Saint-Simon – nos quais se tem um “horizonte isolado, sem um *locus* utópico” – são considerados por Darko Suvin em sua tipologia como “pensamento utópico não localizado” (SUVIN, 2015, p. 473). Dentre eles podemos distinguir experiências, como a de Robert Owen, que encontraram o seu lugar, deixando de ser um projeto para se concretizar como uma realização propriamente dita. As ficções (o “gênero utópico”) não trazem, de sua parte, o compromisso de se apresentarem como projetos e funcionam principalmente como instrumentos críticos da realidade que está sendo confrontada. Este é o caso da *Utopia* de Morus, mas também da *Icária* ficcional de Cabet.

exemplo, a partir da avaliação de Marx e Engels em torno das perspectivas socialistas que foram por eles contrapostas ao chamado “socialismo científico” (ENGELS, 1880).⁶ Ao lado disso, é preciso reconhecer também as descontinuidades e diferenças que podem ser estabelecidas entre os diversos pensadores que foram depois denominados “utópicos”. De todo modo, isto não impede que se considere também que existem intertextualidades possíveis (autores ligados ao pensamento utopista ou ao gênero literário utópico que leram outros de sua época e de outras épocas). Se cada construção utópica deve ser considerada em sua historicidade, é possível também discernir conjuntos, a partir dos problemas colocados pelo pesquisador, no âmbito dos quais se estabelecem conexões e intertextualidades.

Um caminho interessante para clarear o terreno de trabalho é distinguir, de um lado, um peculiar modelo narrativo que terminou por se constituir no que podemos chamar de “gênero utópico” (a utopia como gênero literário) e, de outro lado, os projetos sociopolíticos ou as realizações mais específicas que podem ser associados a um pensamento utopista com clara intenção ou vontade de ser colocado em prática, como é o caso dos projetos de Fourier, Saint-Simon e outros. Temos, então, como noções que dialogam, mas que não se superpõem necessariamente, as *utopias* e o *utopismo*.⁷ Por ora, fiquemos no âmbito das criações literárias – o que mais nos interessará neste artigo – notando desde já que o primeiro hiato a se demarcar entre as utopias como gênero literário, em um polo, e os projetos de realização utopista, no outro, é que as primeiras estendem uma ponte para o futuro, enquanto os segundos almejam se concretizar no presente, ou ao menos se debatem diante dessa possibilidade.⁸

Apesar das descontinuidades, existe um “gênero utópico” cuja história pode ser traçada a partir de uma série de realizações literárias que tanto são filhas das sociedades e circunstâncias que as engendraram como

6 Para um estudo sobre a relação entre *Utopismo e Marxismo*, ver Geoghegan (1987).

7 “O utopismo é um modo do imaginário político, frequentemente um programa radical de transformação social da realidade existente, mais geralmente um ‘exercício mental sobre os possíveis laterais’, segundo a fórmula de Raymond Ruyer [...] A utopia é um gênero literário que corresponde à codificação do modo utópico sob uma forma escrita, e mais precisamente narrativa” (RACAULT, 2009, p. 31). A divisão entre o “gênero utópico” e um “modo utópico” foi proposta pela primeira vez por Ruyer, em 1950, e Cioranescu (1972) foi o primeiro a utilizar a expressão “utopismo” para designar esse modo utópico, no qual o “gênero utópico” se enquadra como um caso particular. Ver ainda Quarta (1996).

8 Luigi Firpo (2005, p. 230), ao discutir a consciência que certos autores de utopias têm de que sua mensagem poderá madurecer no futuro, utiliza a imagem de que “A utopia [o gênero utópico] é historicamente uma mensagem na garrafa, a mensagem de um naufrago”.

também das intertextualidades que as beneficiaram.⁹ Alguns aspectos são recorrentes em muitas das criações literárias que podemos classificar no interior do “gênero utópico”. Há inicialmente o empenho em descrever uma sociedade estruturalmente exequível e passível de ser percebida pelo leitor como dotada de veracidade, ao contrário das criações literárias francamente fantasiosas, que podem ser exemplificadas com as fantasias de inesgotável abundância que espontaneamente brota do solo, sem nenhum trabalho ou sistema produtivo, à maneira da Cocanha medieval (FRANCO JR., 1998). Queremos dizer com isso que as utopias necessariamente desenvolvem uma lógica capaz de ser compreendida e aceita pelos seus leitores, mesmo com todo o seu estranhamento.

Além disso, as utopias literárias (ou o “gênero utópico”) são muito habitualmente assinaladas pelo signo da viagem. O personagem central de Morus viajou para a sua Utopia, ainda que esta estivesse situada em um não-lugar, e os personagens centrais da *Cidade do Sol*, de Campanella (1602), da *Nova Atlântida*, de Francis Bacon (1610), ou da *Icária*, de Cabet (1842), também chegaram ao seu destino utópico a partir de uma viagem. De igual maneira, Edward Bellamy (1850-1898), em seu romance utópico *Reverendo o futuro* (1887), faz com que seu personagem central atinja a sua sociedade utópica por meio de uma viagem, só que realizada no tempo. Em todos esses casos, a viagem mostra-se típica das realizações literárias enquadráveis no gênero utópico, pois permite contrapor um antigo mundo a ser radicalmente criticado a outro, a que se chega através de uma viagem, seja esta proporcionada por um deslocamento no espaço-tempo ou no mundo dos sonhos. Evocamos esse fator como mais um sintoma do caldo de intertextualidades que recobre a história do gênero utópico.¹⁰

Poderíamos acrescentar, ainda como traço característico do gênero utópico, a tendência a um determinado estilo narrativo, no qual a narração se subordina à descrição da cidade ideal, principal objetivo dos romances

9 “Se é verdade que a consciência utópica inventa ou diversifica seus meios de expressão, não é menos verdade que existe uma categoria de textos funcionando segundo certas invariantes as quais deve ser possível reunir em um gênero mais ou menos coerente” (TROUSSON, 2005, p. 127). Ademais, conforme ele acrescenta: “Se todo texto literário é ao mesmo tempo o produto de uma combinatória pré-existente e uma modificação – mais ou menos profunda – dessa combinatória, este texto ao mesmo tempo completa e extrapola o gênero sem, por isso, romper com ele” (p. 131).

10 Diversos autores salientam que a viagem é mesmo estruturante para o gênero utópico (MINERVA, 1996, p. 42). Alguns ressaltam que a viagem se mostra como transição imprescindível, à maneira de uma iniciação (FORTUNATI, 1996, p. 10).

utópicos. Frequentemente, ademais, essa cidade ideal funda-se em uma “perfeição institucional” que é minuciosamente descrita pelo autor (CIORANESCU, 1972, p. 53),¹¹ o qual se empenha em oferecer, por meio da sua obra, uma esquematização da realidade literária por ele construída. Por isso, no modelo mais habitual que subjaz ao gênero utópico, são os tópicos relacionados aos diversos problemas enfrentados pelo desafio utópico de realizar e organizar uma sociedade ideal que conduzem o fio narrativo, aqui transformado em um itinerário para que sejam percorridos os problemas em pauta.¹² Esse modelo calcado no itinerário didático, ademais, junta-se a outra característica essencial presente no gênero utópico: o espelhamento – explícito ou implícito – da utopia em relação à civilização que se quer criticar.

A estratégia discursiva e cognitiva, na maior parte dos casos, apoia-se no recurso que muitos autores chamaram de “estanhamento”, ou “estrangement” (SUVIN, 2015, p. 468).¹³ A partir daqui, podemos acrescentar como uma penúltima característica importante do gênero utópico o fato de que a utopia – ou a descrição da utopia – é nesse caso sempre manejada como um “instrumento crítico” (PRÉVOST, 2005, p. 446). Como desdobramento do que até aqui consideramos – e do fato realmente notável de que o conjunto de características acima descrito é perfeitamente contemplado pelas diversas criações literárias sintonizadas com o gênero utópico –, podemos afirmar a possibilidade efetiva de pensar essas criações literárias, embora cada qual dotada de sua historicidade, especificidades e circunstâncias, na extensão de um gênero comum.

¹¹ Para uma discussão sobre a perfectibilidade utópica, ver Racault (2009, p. 32).

¹² Michel Racault (2009, p. 31), um dos estudiosos mais conceituados das utopias, chega a afirmar como característica do gênero utópico a intenção de se aproximar da ideia de que o narrador da viagem utópica elabora uma espécie de “reconstrução antropológica total”, comportando “instituições, uma estrutura social, uma economia, uma religião, uma língua, etc., sendo cada elemento correlacionado a todos os outros”. A ideia de que é característica obrigatória da utopia a globalidade, extensível para todos os aspectos da vida humana, é também sustentada por Luigi Firpo (2005, p. 229).

¹³ “Estranhamento [...] é uma estratégia perceptiva-cum-avaliação baseada no desejo crítico radical. Ele comporta múltiplas possibilidades de anamorfose e eversão de aspectos salientes no mundo do autor e possui como propósito o reconhecimento de que o leitor realmente vive num mundo de valores às avessas.” (SUVIN, 2015, pp. 468-469). O conceito foi desenvolvido em maiores detalhes em *Metamorfoses da ficção científica* (1979), traduzido para o italiano com o título *Le metamorfosi della fantascienza* (1985). Uma coletânea de ensaios sobre o conceito foi organizada por Patrick Parrinder (2001). Ver ainda o artigo “*Entrangement and Cognition*” (SUVIN, 2014).

Deixamos para o final um traço que faz parte tanto das obras literárias que constituem o gênero utópico, como dos projetos e realizações que constituem o pensamento e a ação utopista. As utopias, lato *sensu*, referem-se sempre a experiências sociais. Se estamos no âmbito do “gênero utópico”, trata-se de descrever sociedades. Ao lado disso, se estamos no âmbito dos projetos ou realizações utopistas, trata-se de visar experiências sociais. A busca de uma experiência fora da sociedade, como é o caso das obras literárias inspiradas no modelo de Robinson Crusoé (DEFOE, 1719), não constitui utopia. De modo análogo, o modelo concreto do eremita que se evade da sociedade não é de maneira alguma uma experiência utopista.

Queremos ainda dizer que, mesmo que não exista uma necessária continuidade entre as várias realizações hoje chamadas de utópicas e que tenhamos aqui um universo de diferentes, o exercício intelectual de fazer incidir problemas específicos sobre as produções utópicas da literatura e sobre os pensamentos utopistas do mundo sociopolítico pode contribuir para a compreensão de aspectos bem interessantes sobre o pensamento social, particularmente dignos de reflexão e estudo.

A reflexão à qual queremos nos dedicar neste momento gira em torno do problema singular da Igualdade, e mais especificamente sobre como esta é tratada no romance utópico de Cabet, recorrendo-se eventualmente a uma intertextualidade com relação a outras produções utópicas. Também é preciso registrar de modo bem claro que estaremos interessados basicamente na construção literária realizada por Cabet em seu romance *Icária*, e não tanto nas tentativas posteriores deste autor e ativista político com vistas a realizar uma experiência socialista comunitária, embora em algum momento, neste artigo, possamos mencioná-las.¹⁴ Ou seja, o nosso objeto de análise será a *Icária* imaginada pelo autor em seu romance – esta que, tal como muitas construções utópicas, vive em uma realidade paralela, “sobreposta à nossa”¹⁵ – e não a experiência icariana que posteriormente foi objeto do empenho de Cabet, com a fundação de uma colônia em terras dos Estados Unidos da América.

14 Os empenhos concretos de Cabet em fundar e desenvolver uma comunidade icariana – a qual resultou bem distinta da grande cidade por ele idealizada em sua construção literária *Viagem a Icária* – foram estudados por autores diversos (cf. SHAW, 2010; SUTTON, 1994; LARSEN, 1998; e WIEGENSTEIN, 2006). As fontes para esse estudo também podem ser encontradas na documentação publicada pelo próprio Cabet (1856).

15 “Os habitantes das Cidades Felizes não vivem sequer uma história paralela à nossa; dir-se-ia antes que estão situados num tempo que se sobre põe ao nosso” (BACKSO, 1985, pp. 356-357).

3. A ICÁRIA DE ETIÈNNE CABET

A figura de uma grande unidade diretiva que paira sobre a sociedade para assegurar o bom funcionamento da ordem utópica foi bastante comum tanto nas utopias literárias – as que criam uma sociedade imaginária por meio de um enredo de ficção enquadrável no “gênero utópico”, a exemplo das cidades idealizadas por Tomas Morus, Campanella ou Bacon – como nas realizações utopistas que se apresentaram como projetos a serem realizados efetivamente em algum momento, tal como as propostas de Fourier (1808, 1829), Saint-Simon (1825) e Owen (1820). Mais especificamente na realidade literária, conforme veremos no romance utópico oitocentista que examinaremos a partir daqui, tudo pode funcionar como um relógio. A critério da imaginação do autor, os conflitos não parecem existir; e, quando existem, os caminhos para a sua resolução já estão previstos. De igual maneira, tanto os líderes utópicos como a população são aqui idealizados. Podemos especular, entretanto, sobre o que ocorreria com a passagem de uma utopia literária para uma experiência real. O que aconteceria se seres humanos concretos tentassem construir, na prática, uma Cidade do Sol (CAMPANELLA, 1602), uma Nova Atlântida (BACON, 1610), uma Utopia (MORUS, 1516)? Fourier desejava efetivamente construir os seus falanstérios – por ele idealizados em obras diversas –, mas seu projeto nunca saiu do papel e do sonho. Teria se decepcionado com a realidade efetiva – humana e demasiado humana –, se tivesse tido uma oportunidade palpável de construir a nova sociedade com a qual sonhava sob a forma de grandes falanstérios? Como encaminhar, se quisermos colocar tudo em termos mais simples, a passagem da u-topia para a topia? Do não-lugar para um lugar?

A utopia literária oitocentista que examinaremos em maior profundidade, considerando também sua inusitada recepção por uma multidão de leitores que se comoveu com ela na mesma época de sua criação, recoloca-nos diante dos dilemas e anseios produzidos pela ambição de transformar uma utopia construída literariamente por sonhos e palavras em uma realidade efetiva, de carne, osso e pedra. O autor dessa nova experiência foi o francês Cabet (1788-1856), advogado e político atuante durante a Restauração e também sob o governo monárquico de Luis Felipe. Cabet cedo se engajou em uma prática revolucionária, tendo participado da sociedade secreta dos Carbonários. Em certo momento, ocupou cargo importante no governo real de Luís Felipe, elevado ao poder pela revolução burguesa de 1830. Mesmo assim, sua postura pró-

-revolucionária conservou-se, e ele foi logo destituído do cargo como represália por seu posicionamento público a favor de rebeldes populares (1831).¹⁶ Uma situação similar, em 1834, quando era deputado e editor do jornal *O Popular*, levou-o finalmente a ser exilado na Inglaterra.¹⁷

É aqui que começa sua carreira literária. Influenciado pela figura de Robert Owen, industrialista utópico que abordamos anteriormente, Cabet amechou inspiração para escrever em 1840 uma obra de grande sucesso: uma utopia literária intitulada *Viagem a Icária*. Nela, Lord William Carisdall, o personagem central da trama, visita um país ficcional chamado Icária. Essa sociedade atingira uma organização social na qual as desigualdades sociais haviam desaparecido por meio de procedimentos diversos – sempre assegurados por um Estado fortalecido –, tais como abolição da herança, alimentação para todos na medida de sua necessidade, propriedade comunal dos meios de produção, uma dinâmica organização do trabalho em oficinas nacionais e um eficiente sistema de educação pública. Icária também apresentava elementos presentes em outras utopias de homens sábios, como a supervisão familiar e o controle eugênico dos casamentos. Tal sociedade perfeita, do ponto de vista igualitarista, havia sido fundada por Ícaro, ditador benigno que, nos primórdios da história desse país imaginário, situado em algum lugar do Atlântico, instaurou e governou o país com sabedoria.¹⁸ Nesse caso, podemos dizer que o padrão utópico proporcionado por uma unidade diretiva de homens sábios reduzia-se, no momento inicial, a um único homem. Depois, estabeleceu-se a junta de sábios, ou um entrelaçado de comitês formado por indivíduos capazes de deliberar nas diversas áreas de demandas humanas.

O romance *Viagem a Icária* causou tanto impacto sobre a sociedade francesa, que um grande grupo de admiradores de Cabet manifestou o

16 A crítica à dimensão conservadora do governo monárquico de Luís Felipe aparece, também, na *História da Revolução de 1830*, de Cabet.

17 Existem excelentes biografias sobre Cabet, entre as quais a de François Fourn, publicada mais recentemente. O espaço de reflexão deste artigo, contudo, não nos permitirá aprofundar os aspectos biográficos. Sobre a experiência concreta de Cabet e os icarianos, uma referência importante é a obra *Utopian Communism in France – Cabet and the Icarians*, de Christopher Johnson (1974).

18 O personagem fundador – Ícaro – seria uma espécie de Napoleão idealizado e perfeito. Lewis Mumford (2007, p. 127), que comenta a *Icária* de Cabet em sua obra *História das Utopias* (1922), ressalta esse aspecto: “Cabet viveu os seus anos mais impressionáveis no fulgor das campanhas napoleônicas e sob o brilho crepuscular da tradição napoleônica que prevaleceu mesmo depois das conquistas do general terem se desvanecido no horizonte”.

desejo de realizar, na prática, o icarianismo. Em um manifesto intitulado *Allons en Icarie*, ele lançou o convite para que uma “Icária” fosse estabelecida no Texas, nos Estados Unidos, uma sugestão de Robert Owen. Em março de 1848, os primeiros icarianos franceses chegaram à América, para tomar posse de uma terra que estava muito longe daquela que imaginavam quando assinaram um acordo com uma companhia americana. De um milhão de acres prometidos na assinatura do contrato, os icarianos apenas tiveram à disposição dez mil acres de terras que não eram lá muito promissoras. Ainda assim, Cabet levou adiante o plano de erguer a sua utopia socialista, agrícola e artesanal, no estado de Illinois.

Dizíamos acima que iríamos falar de uma tentativa efetiva de transformar uma imaginação utópica em uma praticidade – ou de transpor o modelo de uma utopia literária para uma comunidade real. Rigorosamente, não foi assim, e por mais de um motivo. O principal deles é que *Icária* – a sociedade imaginária criada pela ficção literária de Cabet – era um estado nacional de extensão insular considerável, dividido em cem províncias de dimensões próximas, e cada uma delas dividida em dez comunas com a sua capital provincial do centro geométrico da região. Distintamente desse imponente país imaginário, estruturado sobre uma espacialidade quase matemática, a *Icária* real (ou a tentativa de concretizá-la em uma pequena região de desbravadores nos Estados Unidos da América) não seria mais do que um pequeno amontoado de cabanas perdido em uma inóspita planície estadunidense, distante de centros urbanos e habitada por pioneiros comunistas que haviam se comovido com a imaginação literária de Cabet e acreditaram no seu projeto social e político. Fixemo-nos, todavia, na *Icária* imaginária criada pelo enredo do romance escrito por ele. Nosso foco de estudo, neste caso, não se dirigirá para sua experiência utopista como fundador de uma colônia socialista, mas para a inventividade literária desse mesmo autor, ao produzir uma obra impactante que pode ser incluída no “gênero utópico”.

4. ICÁRIA: IGUALDADE ESPACIALIZADA E IGUALDADE SOCIAL

A capital do país *Icária* – também chamada *Icária* – é uma cidade de análoga elegância geométrica. É partilhada por 60 comunas, cada qual autossuficiente em alguns aspectos essenciais: espaços públicos bem definidos, uma unidade de ensino, um hospital, um templo, lojas diversas. Esse xadrez de comunas é cortado ao meio por um rio que divide

a cidade em duas partes – possivelmente sendo esta uma ressonância do Rio Sena e de Paris na imaginação cartográfica de Cabet –, sendo ainda a cidade recoberta por um entremeado retilíneo de 100 ruas largas que se entrecruzam perpendicularmente. O formato externo da cidade é circular.

O que mais nos importa, todavia, é a organização social e política, o modo como se estabelece uma sociedade igualitária sobre essa espacialidade geométrica, a maneira como se organiza a vida humana nas suas diversas esferas de atividades. A disponibilidade e o balanceamento da alimentação são definidos por uma comissão de cientistas capazes de deliberar com conhecimento de causa sobre a questão nutricional. O trabalho, sob a égide do Estado, é organizado em oficinas nacionais, e o seu produto é depositado em armazéns públicos. Quem provê a população com habitação, vestuário, transporte, medicamentos, entretenimento, leitura impressa, instrução e desenvolvimento cultural é também o Estado, sempre por meio de uma sofisticada rede de funcionários. Em justa medida, todos são, no fim das contas, funcionários do Estado, que além de empregador ainda regula cada uma das instâncias da vida humana na medida da necessidade de cada cidadão. Mesmo a vida amorosa é aconselhada e regulada pela instituição estatal adequada, e há normas que devem ser seguidas para a formação de casais e para que o namoro possa ser reconhecido como suficientemente maduro para avançar à condição de casamento. A informação, em contrapartida, circula através de uma rede de jornais mantida exclusivamente pelo Estado: um supremo jornal nacional, os jornais regionais (um para cada província) e os jornais locais (um para cada comuna).

Entre as comunas do país, o Estado realoca os excedentes, de modo que nada falte a nenhuma delas e, conseqüentemente, a nenhum dos seus cidadãos. O igualitarismo, conforme se vê, é entretido simultaneamente na rede de vidas individuais e no xadrez espacializado das 1.000 comunas agrupadas nas 100 províncias que, finalmente, com precisão decimal, constituem a totalidade do Estado nacional. A representação política se faz, em nível nacional, por meio de dois deputados por comuna, e o poder executivo afunila-se até um centro decisório constituído de dezesseis membros – o qual equivale aos núcleos de sábios que já vimos em utopias tradicionais. Eis aqui, nessa espacialidade rigorosamente matemática e nessa partilha humana de cada traço da vida comum, a conciliação icariana entre a igualdade social e a igualdade matemática.

5. CABET E SUA REALIDADE HISTÓRIA, APÓS O SUCESSO DE ICÁRIA

Voltemos agora à realidade histórica de Cabet, criador dessa bem organizada utopia literária. Vimos acima que cerca de quatrocentos admiradores do autor e de seu romance utópico, todos inspirados por ideais comunistas, manifestaram a certo momento o desejo de concretizar o sonho icariano. Para descer dos céus da imaginação literária à terra das realizações possíveis, o modelo icariano exigia que se encontrasse um ditador sábio – o Ícaro primordial do romance de Cabet. Mas quem, senão ele mesmo, poderia assumir essa função? Na prática, todavia, ele se tornou um ditador nada admirado pela pequena população que nele confiara, e que com ele iniciaria a aventura de tentar uma colonização igualitarista em terras negociadas por uma companhia estadunidense.

Após haver instalado os utópicos desbravadores em Illinois e decidido a realizar seu sonho com inquebrantável determinação e com as mãos de ferro de um Ícaro, Cabet empenhou-se em impor a seus correligionários uma rigorosa austeridade icariana, particularmente impopular a partir das medidas mais duras que achou necessário infligir à comunidade em 1851, durante uma crise. Terminou por vigiar a vida privada dos icarianos, por proibir a bebida e o fumo, e mesmo por fomentar um sistema de vigilância comunitária no qual todos deveriam espionar e fiscalizar a todos. Extremamente criticado, o autor terminou por ter sua expulsão exigida pela assembleia de membros em 1856. Morreu pouco depois. Os icarianos seguiram adiante, por mais algumas décadas, mas em 1895 a comunidade acabou sendo dissolvida. Os icarianos tinham se tornado agricultores comuns e agora já declaravam que eram simples colonos, como todos. A experiência utópica, depois de ter passado por uma pequena inflexão local-distópica, ainda no período comandado por Cabet, finalmente se transformava em uma pequena comunidade como qualquer outra.¹⁹

A experiência de Cabet – e sua tentativa de transferir para a vida real algo da Icária que havia imaginado nas páginas de seu romance – mostra-nos uma fragilidade que foi a de diversas das experiências utópicas que tentaram ganhar a realidade. O modelo de instalação da utopia, em todos

19 Os empreendimentos utópicos em solo estadunidense, entre os quais a experiência icariana de Cabet, foram estudados por autores vários, como Nordhoff (1875); Hinds (1908); Holloway (1951); Hine (1953); e Pitzer (1997). Sobre a experiência icariana, especificamente, ver Shaw (2010), Sutton (1994); Larsen (1998) e Wiegenstein (2006).

esses casos, deveria se basear na ação individual de grandes realizadores. Podia ser um ditador-fundador, um comitê de sábios, um industrial generoso, um bondoso idealizador que pretendia convencer nobres e industriais importantes a financiar a efetivação do seu comovente projeto. A utopia, nesse caso, não crescia do solo das insatisfações e demandas sociais, mas deveria ser dada à humanidade por almas benevolentes. Era menos uma conquista social do que um presente.

Conforme se vê, a Icária de Cabet – uma utopia literária que tem ressonâncias de outras que a precederam – dialoga em parte com os diversos modelos utópicos anteriormente mencionados. Como aqueles modelos – que se iniciam nas utopias imaginadas por Morus, Campanella e Francis Bacon e atingem as tentativas ou esperanças reais de concretização de sociedades perfeitas, como as realizações utopistas elaboradas ou planejadas por Fourier, Saint-Simon e Owen –, também a Icária de Cabet foi importante por ter discutido e rediscutido a possibilidade de extinguir a ociosidade e a exploração do homem pelo homem, entre diversas outras temáticas prementes no século de consolidação da sociedade industrial. O caminho que ele e outros autores de imaginação utópica preconizavam, todavia, era “utópico” em um sentido muito específico: tratava-se de um caminho ancorado na ideia de que a reforma social, ou mesmo a revolução, poderia ser conduzida e financiada por membros progressistas da burguesia nascente.

Em alguns casos, temos o modelo fundado na ideia de uma sociedade igualitária construída a partir da benevolência liberal e comandada por um núcleo de sábios progressistas, como foi o caso das propostas utópicas que culminaram com as esperanças de Fourier com vistas à futura instalação de seus falanstérios. No caso mais específico do falanstério de Fourier, aliás, o núcleo que deveria planejar detalhadamente o funcionamento da sociedade acabou se reduzindo a ele mesmo e ocorreu basicamente no momento de implantação da nova sociedade, que a partir daí se desenvolveria mais ou menos espontaneamente. Era isso, em parte, também o que estava previsto tanto na utopia literária de Cabet, como na sociedade agrícola real que este tentou instalar no Texas e em Illinois. Já em Saint-Simon, como já havia ocorrido na *Nova Atlântida* de Bacon e também na *Cidade do Sol* de Campanella, fazia-se presente uma elite altruísta de sábios que se dedicava a estudar incessantemente novas maneiras de beneficiar a vida na coletividade.

O sonho de sensibilizar governantes e prósperos capitalistas para um grande projeto de radical reforma social – e até de convencê-los a investir em algo que, na verdade, implicaria o fim de sua própria riqueza – assinalou um dos padrões igualitários mais intrigantes entre os que grassaram no século XIX. Owen, sendo um industrial bem sucedido, pôde suprir ele mesmo o papel combinado de sonhador e de investidor, mas a coletividade-modelo que ele tentou implantar na América também fracassou, como também a proposta mais modesta da Icária americana. O Falanstério de Fourier, as Coletividades de Owen e, ao lado delas, as tentativas pioneiras de Cabet em solo americano compuseram partes de um sonho bastante avançado para o século XIX, mas a verdade é que, pelo menos até os limites da sua época, essas ideias revelaram-se inoperantes. Serão elas ainda possíveis num futuro?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pudemos ver no decurso deste exame sobre a sociedade imaginária produzida por esta já clássica obra da literatura utopista que foi a *Icária* de Cabet – e, lateralmente, também no comentário sobre algumas das propostas igualitárias e igualitaristas produzidas entre os séculos XVI e XIX –, há muitos problemas e dilemas envolvidos na organização de um modelo capaz de sistematizar com justiça social o equilíbrio entre trabalho e ócio, controle e liberdade, produção e consumo, para apenas mencionar alguns dos principais binômios enfatizáveis nas sociedades industriais. Essas propostas deixaram visíveis lacunas no sentido de viabilizar efetivamente a organização de uma sociedade realmente igualitária.

Pode-se dizer que os modelos de igualitarismo dos séculos XVI ao XIX pouco tocaram na questão de como a igualdade seria permanentemente atualizada em termos de distribuição da riqueza a ser produzida em uma sociedade que tivesse conquistado uma organização social igualitária. De fato, tanto as utopias igualitárias como os movimentos revolucionários desse período só conseguiram equacionar adequadamente as duas perguntas iniciais em torno da igualdade. “Igualdade entre quem?” e “Igualdade de quê?” – perguntas para as quais essas utopias e movimentos haviam fornecido respostas na forma de “igualdade de todos em relação a tudo” – são necessárias, mas não suficientes para a elaboração sistemática de uma reflexão mais aprofundada sobre a igualdade e sua adequação a um modelo de sociedade.

Para a preservação de uma sociedade igualitária seria necessário ir além da “apreensão coletiva da riqueza”, seja por meio de consensos ou de revoluções. Seria preciso discutir, certamente, a questão da “atualização da riqueza” e de sua distribuição por aqueles que serão os beneficiários da igualdade social. Se a reflexão sobre a igualdade deve sempre partir de duas questões primordiais (“Igualdade entre quem?” e “Igualdade de quê?”), é ainda interessante acrescentar um terceiro questionamento fundamental, tão importante quanto os dois anteriores. Trata-se, ainda, de perguntar: “Igualdade com que critérios?”.

Admitamos que, para que se possa falar em certas propostas de igualitarismo, já devam ter sido estabelecidos, de um lado, os beneficiários da igualdade (*todos* ou *alguns*) e, de outro, o aspecto a ser tomado como objeto da ação igualizadora (igualdade de *algo* – tal como direitos políticos ou liberdade – ou igualdade de *tudo*, tal como nas propostas igualitárias mais radicais). A questão a avançar, para uma realização continuada de uma sociedade igualitarista, refere-se ao modo de distribuir entre os beneficiários aquilo que será objeto da socialização. Assim, particularmente para as utopias ou tentativas igualitárias mais radicais, um dos problemas capitais sempre foi o da distribuição da riqueza. O modelo igualitário de Buonarroti (1836) – militante revolucionário que foi lateralmente mencionado neste artigo – amparava-se, por exemplo, na perspectiva romântica de que “quando já não houvesse palácios, também não haveria casebres”, de modo que a igualdade final brotaria mais ou menos espontaneamente de um único gesto. A antiga Cocanha, célebre terra imaginária muito evocada na mitologia popular medieval, onde tudo de necessário à vida crescia ou surgia espontaneamente, também se amparava nesta filosofia da abundância, que desconsiderava a necessidade de planejar rigorosamente o sistema de trabalho.

Entrementes, os modelos igualitários propostos pelo socialismo científico a partir de Karl Marx e Friedrich Engels (1880) – modelos cuja discussão fugiria às possibilidades deste artigo – tiveram de enfrentar essas questões mais concretamente, e então foram enfatizadas fórmulas mais específicas de distribuição da riqueza (“a cada um segundo a sua necessidade”, ou “a cada um segundo a sua produção?”). Foi nesse sentido que os pensadores políticos interessados em um igualitarismo mais moderno, amparado em interesses mais pragmáticos, tiveram de voltar a dialogar com as ideias que já estavam embutidas em antigas discussões filosóficas, como nos conceitos de igualdade aritmética ou geométrica, mobilizados por Aristóteles (350 a.C). Essa discussão, contudo, convida-nos

a uma reflexão mais específica, que também não poderá ser empreendida nos limites deste artigo.

As obras da literatura utópica e distópica, por outro lado, são igualmente importantes por trazerem para o cenário de discussões sobre a igualdade a viabilidade ou inviabilidade de modelos imaginários que buscam a justiça social. Estudos sobre as utopias literárias – tais como aquela produzida por autores como Cabet ainda no século XIX – podem contribuir para manter sempre atualizada essa discussão vital sobre a busca humana da igualdade social. Imaginar a Igualdade, poder-se-ia acrescentar, é um primeiro passo para a possibilidade de sua realização futura.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UNB, 1985[350 a.C].
- BACON, Francis. *A Nova Atlântida*. São Paulo: Abril Cultural, 1980[1610].
- BACZKO, Bronislaw. *L'Utopia: immaginazione sociale e rappresentazioni utopiche nell'età dell'Illuminismo*. Torino: Einaudi, 1979.
- BACZKO, Bronislaw. Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Lisboa: IN/CM, 1985, pp. 333-396.
- BACZKO, Bronislaw. *Utopian Lights*. New York: Paragon House, 1989[1971].
- BACZKO, Bronislaw. Orwell e Soljenitzyn far frente al totalitarismo. In: FORTUNATI, Vita; MINERVA, Nadia. *Per una definizione dell'utopia: metodologie e discipline a confronto – atti del Convegno internazionale di Bagni di Lucca, 12-14 settembre 1990*. Ravenna: Longo, 1992, pp. 245-257.
- BELLAMY, Edward. *Daqui a cem anos: revendo o futuro*. Rio de Janeiro: Record, 1960[1887].
- BLOCH, Ernst. *O princípio da esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- BOBBIO, Norberto. *A teoria das formas de governo*. Brasília: UnB, 1997[1975].
- BUONARROTI, Philippe. *Babeuf's Conspiracy for Equality*. London: Hetherington, 1836.
- CABET, Étienne. *Voyage on Icarie*. Paris: Au Bureau du Populaire, 1842.
- CABET, Étienne. *Colonie icarienne aux États-Unis D'Amérique – sa constitution, ses lois, sa situation matérielle et morale après le premier semestre 1855*. New York: Lenox Hill Pub, 1856.

- CAMPANELLA, Tomaso. *Cidade do Sol*. São Paulo: Abril Cultural, 1980[1602]. (*Os Pensadores*)
- CIORANESCU, Alexandre. *L'avenir du passe – utopie et littérature*. Paris: Gallimard, 1972.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012[1719].
- DESROCHE, Henri. *Saint-Simon. Le nouveau christianisme et les écrits sur la religion*. Paris: Seuil, 1969.
- ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Global, 1981[1880].
- FIRPO, Luigi. Por uma definição da “Utopia”. *Morus – Utopia e Renascimento*, n. 2, 2005, pp. 227-237.
- FOURN, François. *Étienne Cabet ou le temps de l'utopie*. Paris: Vendémiaire, 2014.
- FOURIER, Charles. *Le nouveau monde industriel et societaire*. Paris: Éditions Flammarion, 1973[1829]. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/fourier_charles/nouveau_monde/nouveau_monde.html>.
- FOURIER, Charles. *Theorie des quatre mouvements*. Paris: Les Presses du Réel, 1998[1808]. Disponível em: <<https://inventin.lautre.net/livres/Fourier-Theorie-des-4-mouvements.pdf>>.
- FUNKE, Hans Gunter. L'évolution semantique de La notion d'Utopie en français. In: HUDDE, Heinrich; KUON, Peter (Eds.). *De l'utopie a l'uchronie*. Tubingen: G Narr, 1988, pp. 19-37.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha – várias faces de uma utopia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- GEOGHEGAN, Vincent. *Utopianism and Marxism*. London: Methuen, 1987.
- HOLLOWAY, Mark. *Heavens on Earth: Utopian Communities in America, 1680-1880*. New York: Library Publishers, 1951.
- HINDS, William A. *American Communities and Co-Operative Colonies*. Chicago: Charles H. Kerr & Co, 1908.
- HINE, Robert V. *California's Utopian Colonies*. Berkeley: University of California Press, 1983[1953].
- JOHNSON, Christopher H. *Utopian Comunism in France – Cabet and the Icarians*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1974.
- LARSEN, Dale R. (Ed.). *Soldiers of Humanity: A History and Census of the Icarian Communities*. Nauvoo (Illinois): The National Icarian Heritage Society, 1998.

- LEVITAS, Ruth. *The Concept of Utopia*. Syracuse: Syracuse University Press, 1990.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976[1929].
- MINERVA, Nadia. Viaggi verso utopia, viaggi in utopia. Dinamica del movimento e della stasi. In: BACCOLINI, Raffaella; FORTUNATI, Vita; MINERVA, Nadia (Eds.). *Viaggi in Utopia*. Ravenna: Longo, 1996, pp. 39-47.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Abril Cultural, 1980[1516]. (Os Pensadores)
- MUMFORD, Lewis. *História das Utopias*. Lisboa: Antígona, 2007[1922].
- NEUSÜSS, Arnhelm (Ed.). *Utopia*. Barcelona: Barral, 1971.
- NORDHOFF, Charles. *The Communist Societies of United States*. New York: Harper & Brothers, 1875. Disponível em: <<https://archive.org/details/communistssocietiesoonordrich>>.
- Paris: Cornély, 1907. PROUDHMEAU, Jules. *Icarie et son fondateur Etienne Cabet*. Paris: Cornély, 1907.
- QUARTA, Cosimo. Homo utopicus. On the Need for Utopia. *Utopian studies*, v. 7, n. 2, 1996, pp. 153-166.
- QUARTA, Cosimo. Utopia: gênese de uma palavra-chave. *Morus – Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006, pp. 35-53.
- RACAULT, Jean-Michel. Da ideia de perfeição como elemento definidor da utopia: as utopias clássicas e a natureza humana. *Morus – Utopia e Renascimento*, n. 6, 2009, pp. 29-45.
- SAINT-SIMON, Claude Henri de Rouvroy. *Letres d'un habitant de Genève à ses contemporains*. Paris: Alcan, 1925[1803].
- SAINT-SIMON, Claude Henri de Rouvroy. *Nouveau Christianisme: dialogues entre um conservateuret um novateur*. Paris: Aube, 2006[1825].
- SHAW, Albert. *Icaria: A Chapter in the History of Communism*. London: Kessinger Publishing, 2010[1884].
- SUTTON, Robert. *Les Icaris: The Utopian Dream in Europe and America*. Urbana: University of Illinois Press, 1994.
- SUVIN, Darko. Pour une définition de l'utopie comme genre littéraire. In: *Pour une poétique de la science-fiction. Études en théorie et en histoire d'un genre littéraire*. Montréal: Les Presses de l'Université du Québec, 1977, pp. 47-69.
- SUVIN, Darko. *Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre*. New Haven: Yale University Press, 1979.

- SUVIN, Darko. *Le metamorfosi della fantascienza. Poetica e storia di un genere letterario*. Bologna: il Mulino, 1985.
- SUVIN, Darko. Entrangement and Cognition. *Strange Horizons*, Nov. 2014. Disponível em: <<http://www.strangehorizons.com/2014/20141124/1suvina.html>>.
- SUVIN, Darko. Um breve tratado sobre a Distopia 2001. *Morus – Utopia e Renascimento*, n. 10, 2015, pp. 465-488.
- TROUSSON, Raymond. Utopia e Utopismo. In: *Morus: Utopia e Renascimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, pp. 123-135.
- WIEGENSTEIN, Steve. The Icarians and their Neighbors. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 10, n. 3, Sept. 2006, pp. 289-295.

Recebido: 9/04/2019

Aceito: 12/07/2019

Publicado: 13/12/2019